

# **EXISTE ESPAÇO PARA A ARTE CONTEMPORÂNEA DENTRO DAS ESCOLAS? UMA ANÁLISE DOS CONTEÚDOS DE LIVROS DIDÁTICOS PROPOSTOS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

ROCHA, Julia; [pjuliarocha@gmail.com](mailto:pjuliarocha@gmail.com); UFES

AMORIM, Heitor Andrade; [amorim.heitor@gmail.com](mailto:amorim.heitor@gmail.com); UFES

## **Resumo**

O presente texto apresenta dados de pesquisa de iniciação científica realizada entre 2018 e 2019 com o objetivo de analisar os conteúdos presentes nos livros didáticos de artes, identificando o espaço que a produção artística contemporânea ocupa nestes materiais, a maneira como é abordado este conteúdo e que propostas de práticas são lançadas a partir deste recorte da história da arte. A análise centra-se nos livros da série “Por toda parte” correspondentes às séries do Ensino Fundamental II. Diante da leitura quantitativa dos artistas contemporâneos contemplados como conteúdo nos livros, desenvolve-se uma crítica qualitativa em relação às metodologias que são propostas e às possibilidades de utilização destes materiais pelos arte/educadores.

Palavras-chave: arte contemporânea; livro didático; artes visuais; conteúdos.

## **Abstract**

This paper presents research data of scientific initiation carried out between 2018 and 2019 with the purpose of analyzing the content in art textbooks, identifying the space that contemporary art occupies in this material, the way the content is presented and what practices are proposed from this part of art history. The analysis centered on the book series “Por toda parte”, corresponding to the final years of elementary school. From the quantitative analysis of the contemporary artists included as content in the books, a qualitative critique is developed in relation to the methodologies that are presented and the possibilities of using this material for art educators.

Key words: contemporary art; textbook; visual arts; contents.

A produção artística contemporânea apropria-se das mais diferentes linguagens para discutir aspectos que comunicam-se com problemáticas da vida cotidiana, possibilitando que a aproximação dos públicos ocorra tanto por conta dos aspectos visuais, plásticos e estéticos vinculados aos trabalhos de arte, quanto pelas questões que se discutem a partir dos mesmos. A identificação com a arte contemporânea por parte dos públicos pode, portanto, se dar por conta da aproximação com aspectos que estão correlacionados com a vivência fora do campo da arte como, para citar algumas, os embates envolvendo políticas e micropolíticas, as práticas relacionadas ao meio ambiente, o entrave em prol das discussões do feminismo, das relações de gênero e etnia, a complexidade do corpo como suporte e temática, a alteração em torno das novas tecnologias, a apropriação de objetos e suportes para além dos

convencionalmente utilizados como matéria e a própria redefinição do que constitui o campo da arte.

Em contrapartida, indo de encontro a esta aproximação entre arte contemporânea e vida, muitas vezes identifica-se que este recorte da história da arte não se encontra no planejamento e nos projetos dos arte/educadores, estando a produção artística contemporânea restrita aos campos de circulação da arte e aos especialistas, não chegando no âmbito escolar. Recorrentemente, nas formações continuadas de professores e seminários da área do ensino da arte, identificam-se lacunas entre a formação que é construída nos cursos de graduação da Universidade com a atuação que se realiza nas escolas. Este lapso, de acordo com professores egressos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, se evidencia sobretudo no que diz respeito aos conteúdos da Arte, especialmente se tratando da arte contemporânea.

O que se propõe diante deste quadro é uma investigação em torno das possibilidades de aproximação entre a produção artística contemporânea e o contexto das escolas, pensando especificamente nesta primeira como conteúdo. O presente texto discute a importância do conteúdo da arte contemporânea como parte do planejamento dos arte/educadores no âmbito do Ensino Fundamental, partindo da análise de uma série de livros didáticos. O objeto de estudo é a série “Por toda parte”, mais especificamente os livros do 6º ao 9º ano, volumes que constituem parte do Programa Nacional do Livro e Material Didático e adotados pelas escolas básicas de Ensino Fundamental geridas pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Vitória.

A reflexão é resultado do projeto de Iniciação Científica “O espaço da Arte Contemporânea no contexto escolar - Análise de livros didáticos do Ensino Fundamental”, realizada entre agosto de 2018 e julho de 2019, que, por sua vez, é parte integrante do projeto de pesquisa “Arte +educação: analogias entre objeto e campo de estudo na contemporaneidade”. O recorte apresentado neste texto se detém mais no estudo em relação aos conteúdos, partindo de uma análise quantitativa dos artistas e obras de arte contemporânea que estão presentes nesta série de livros. A escolha pela leitura sistemática e catalográfica destes livros didáticos se justifica na identificação de que conteúdos os professores de artes dispõem como recurso para trabalhar com o recorte da história da arte dentro de seus planejamentos.

Na medida em que uma das hipóteses da apartação entre arte contemporânea e escola se perfaz por conta da falta de um distanciamento temporal e pela dificuldade de acesso a materiais que supram esta lacuna, a pesquisa em torno dos conteúdos dos livros didáticos se

constitui como uma potente ferramenta para compreender os desafios que arte/educadores enfrentam na sua rotina de trabalho, sobretudo nas possibilidades de acesso à fontes de pesquisa. Para os professores de artes é necessário encontrar meios de ampliar sua formação ao ponto de que a produção artística seja parte do seu planejamento, articulando-se com as linguagens das artes visuais e com outros períodos já estudados dentro da história da arte.

Em reflexão anterior em torno do tema, Rocha (2018, p. 2212) afirma este distanciamento entre os arte/educadores e a arte contemporânea:

[...] pode ser justificado por diferentes perspectivas, começando por um receio por parte dos professores em se aproximar de um espectro da arte que ainda está em construção, sendo constantemente reelaborado pelos diferentes sujeitos que compõem o campo da arte, nomeadamente artistas, colecionadores, curadores, museólogos, educadores e públicos. A inexistência de um limite definido sobre o que versa a arte contemporânea poderia ser uma primeira justificativa para a resistência que se impõe sobre a mesma para entrada no espaço escolar.

Neste sentido, a existência de um material de suporte que é amplamente distribuído gratuitamente para os estudantes e professores, possibilita uma via de acesso a conteúdos de arte contemporânea que estejam previamente selecionados por especialistas na área e pensados especificamente para os anos definidos nos materiais. Na medida em que propõem leituras e práticas, os livros didáticos também se constituem como uma potente forma de oferecer aos professores materiais para suas aulas.

Importante salientar que este texto não se posiciona em defesa dos livros didáticos, apontando-os como ferramentas que somente possuem contribuições positivas para o ensino da arte. Sabe-se das limitações que muitos destes materiais possuem e da possibilidade de adoção dos seus conteúdos como prescrição, encerrando a pluralidade de discussões a serem elaboradas construtivamente com os estudantes envolvidos no processo. Ainda que se tenha consciência das limitações em torno do que envolve a utilização dos livros didáticos, a discussão neste momento é em prol da existência de materiais e suportes que possibilitem a entrada da arte contemporânea nas escolas. Mas por que?

### **Por que a produção contemporânea é importante como conteúdo do ensino da arte?**

Uma questão de partida para a pesquisa, antes mesmo de se deter na análise do objeto de estudo fonte desta investigação, é compreender por que o recorte da arte contemporânea é relevante para a formação dos estudantes, sobretudo os que frequentam o Ensino

Fundamental. Alicerçados na Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 196), documento elaborado pelo Ministério da Educação e que promulga a definição das competências específicas a serem adquiridas dentro do ensino da arte, vislumbramos que um dos objetivos marcados é o de “Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte”. Neste sentido, o enfoque é de uma amplitude histórica em relação ao conhecimento que envolve as manifestações artísticas, relacionando tanto a tradição, quanto a contemporaneidade.

A formulação deste objetivo demarca a importância que professores de artes deveriam dar para uma ampliação dos repertórios visuais e estéticos dos estudantes, ofertando-os a possibilidade de investigar e apreender variadas manifestações culturais, contemplando também a produção artística contemporânea. Na medida em que a visualidade é um aspecto importante da construção destes sujeitos, é preponderante que uma variedade de criações sejam conhecidas.

A aproximação com questões experienciadas no cotidiano é também uma justificativa da entrada deste conteúdo no planejamento dos professores. Anteriormente apresentamos exemplos de problemáticas da vivência contemporânea que são empregadas pelos artistas em seus trabalhos e este é um fundamento relevante para que contemple-se este conteúdo. A arte contemporânea possibilita a ampliação das discussões em torno das obras para além dos limites da visualidade, expandindo-se para outros campos que não se restringem aos conhecimentos do campo da arte. A porosidade que a produção artística tem hoje é potente também para que os estudantes tenham uma experiência escolar menos setorizada em conhecimentos encerrados em disciplinas, percebendo as tangencialidades entre diferentes matérias escolares e possibilitando que professores proponham projetos interdisciplinares.

Considerando que a arte contemporânea está sendo produzida no cotidiano de vida dos estudantes, argumenta-se que outra potencialidade de pensá-la como conteúdo diz respeito às possibilidades de aproximação direta com o objeto de estudo. Neste sentido, tanto pode-se propor saídas de campo do espaço escolar, encontrando manifestações artísticas nas ruas, nos ateliês, nas galerias e nos museus, como pode-se promover ações de interlocução para que a arte contemporânea esteja dentro da escola, com o convite para que artistas promovam ações no âmbito escolar - questão que não seria possível com artistas do barroco, do renascimento e, às vezes, nem mesmo do modernismo.

Conclui-se, por conseguinte, que um ensino da arte que encerra seus conteúdos de história da arte no modernismo, cerceia as discussões que poderiam ser elaboradas em torno de conteúdos que conectam-se com aspectos de outras disciplinas escolares, do próprio campo da arte e da vida dos estudantes. A abertura do recorte temporal para além da produção artística da década de 1950 oferece uma interlocução com aspectos possivelmente mais próximos da vida dos estudantes e professores.

Quando a BNCC institui, para cada um dos ciclos do Ensino Fundamental, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades, há também menção a esta amplitude temporal, pensando sempre em um delineamento que passa do tradicional para o contemporâneo. Enquanto para os primeiros anos, do 1º ao 5º, a BNCC (2017, p. 199) institua que é preciso “Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético”, para os anos finais, do 6º ao 9º ano, se coloca que é esperado saber:

Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Os objetivos descritos na BNCC para os dois ciclos provocam professores de artes para uma abertura dos referenciais utilizados em suas aulas, tanto em termos geográficos - propondo contemplarem artistas brasileiros e estrangeiros -, como sensoriais - abordando percepção, imaginário e simbolização -, chegando também a uma ampliação da temporalidade - mencionando que as manifestações artísticas e culturais de diferentes épocas devem ser contempladas. Propõe-se, portanto, acrescentar ao repertório de professores e estudantes também este período, enlaçando tópicos de todos os períodos da história com conteúdos próprios da produção artística contemporânea.

### **Do que se fala por arte contemporânea?**

A identificação deste conceito é complexa, visto que a compreensão da arte contemporânea não se traduz na definição do tempo em que esta se produz, mas perpassa questões que estão para além do espectro temporal. Conforme afirma Anne Cauquelin (2005, p. 11), “não se trata, no caso, de arte contemporânea no sentido estrito do termo - a arte do agora, a arte que se manifesta no mesmo momento e no momento mesmo em que o público a observa” e continua

(2005, p. 129) dizendo que “É necessário, portanto, distinguir arte *contemporânea* de arte *atual*. É atual o conjunto de práticas executadas nesse domínio, presentemente, sem preocupação com distinção de tendências ou com declarações de pertencimento de rótulos”.

Também buscando uma definição do que seria a arte contemporânea, Arthur Danto define uma distinção entre esta e a produção que a precedeu, a moderna. O autor posiciona-se em defesa de um fim da arte, definindo que o fim do modernismo da arte institui a finalização da era da narrativa, dando lugar para outra identificação da produção artística. Para Danto (2006, p. 5) “podemos pensar em arte depois do fim da arte, como se estivéssemos emergindo da era da arte para algo diferente, cuja forma e estrutura exatas ainda precisam ser compreendidas”. Da mesma maneira que Cauquelin, Danto (2006, p. 12) afirma que a definição do contemporâneo não se restringe ao tempo que se produz, “Da mesma forma que ‘moderno’ não é simplesmente um conceito temporal, significando, digamos, ‘o mais recente’, tampouco ‘contemporâneo’ é um termo temporal, significando tudo o que esteja acontecendo no presente momento”.

A reestruturação do campo da arte encontra-se ainda em desenvolvimento, propondo, conforme supramencionado, uma aproximação com aspectos oriundos de outros campos e próximos da vida cotidiana. A resposta que os artistas conferem, em seus trabalhos, às relações que estabelecemos contemporaneamente, é resultado de um complexo jogo de comunicação - conceito enredado por Cauquelin (2005) - e uma desordem afirmativa - como coloca Danto (2006, p. 15):

Assim, o contemporâneo é, de determinada perspectiva, um período de desordem informativa, uma condição de perfeita entropia estética. Mas é também um período de impecável liberdade estética. Hoje não há mais qualquer limite histórico. Tudo é permitido. Mas isso torna mais impositivo tentar compreender a transição histórica da arte moderna para a pós-histórica.

A abertura e a permissividade em relação aos processos artísticos marca essa era da produção “pós fim da arte”, como define Danto (2006). A perda de limites identificáveis do que constitui a produção dos artistas contemporâneos é um dos limites que arte/educadores precisam enfrentar para trabalhar com este conteúdo em suas aulas e em seus planejamentos. Não existiu uma superação dos movimentos artísticos anteriores, mas uma ampliação e aglutinação de características demarcadas que tornam turvas as definições do que constitui este período. “O que encontramos atualmente no domínio da arte seria muito mais uma mistura de diversos elementos”, afirma Cauquelin (2005, p. 127), que continua “os valores da

arte moderna e os da arte que nós chamamos de contemporânea, sem estarem em conflito aberto, estão lado a lado, trocam suas fórmulas, constituindo então dispositivos complexos, instáveis, maleáveis, sempre em transformação”.

A definição do que constitui a arte contemporânea passa, portanto, por este entendimento do que foram os períodos que precederam tal produção, o que se percebe continuamente nos autores que buscam compreender este recorte, sempre recorrendo a marcos históricos - de artistas e obras - que definiram sutis mudanças que possibilitaram a ampliação do campo da arte. O alargamento da definição do que é arte deu aberturas à produção artística, mas, mais uma vez, gerou desafios para o processo de entendimento do público em geral, sobretudo o público não familiarizado com o campo. Neste sentido, Michael Archer (2001, p. IX) coloca:

Por um lado, não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material da arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas. Hoje existem poucas técnicas e métodos de trabalho, se é que existem, que podem garantir ao objeto acabado a sua aceitação como arte. Inversamente, parece, com frequência, que pouco se pode fazer para impedir que mesmo o resultado das atividades mais mundanas seja erroneamente compreendido como arte.

A perda das certezas do que define a arte e a falta de aspectos facilmente reconhecíveis foi, inclusive, um dificultador do processo de pesquisa elaborado na análise dos livros didáticos da série “Por toda parte”. Determinar o número de artistas e obras para cada volume pressupunha delimitar campos de certeza em relação ao que se definia como arte contemporânea. Seriam os aspectos temporais, demarcando uma data de início deste período? Seriam linguagens mais próximas do que se define a partir de Archer (2001), com o uso de materiais e suportes não convencionais?

### **Do espaço ao uso, como é tratada a arte contemporânea no livro didático?**

A partir da compreensão do que se entende por arte contemporânea, a pesquisa buscou compreender o espaço dado à arte contemporânea como conteúdo nos livros da série “Por toda parte”. Esta série, adotada pela Secretaria Municipal de Educação de Vitória, conta com 4 volumes voltados para os anos finais do Ensino Fundamental. Os livros trabalham com o componente curricular arte, associando as quatro linguagens do seu ensino, nomeadamente, Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. A polivalência é apresentada nos volumes analisados, que propõem uma intersecção constante entre os quatro diferentes campos. Durante a leitura

dos livros, contudo, foram selecionados somente os artistas contemporâneos compreendidos dentro do âmbito das Artes Visuais.

Os livros apresentam uma estrutura semelhante entre si, divididos em três unidades que por sua vez se subdividem em dois capítulos cada. Esta separação atende à elaboração dos calendários das escolas municipais de Vitória, que divide o ano letivo em três trimestres. A apresentação dos conteúdos é realizada nos livros por meio de variadas seções, que se repetem entre os capítulos e em todos os livros. *Vem!* é sempre um convite de introdução a um novo tópico que será trabalhado; *Temas* propõe uma abordagem interdisciplinar e anacrônica de diferentes assuntos que são apresentados; *Mais de perto* aprofunda temas e linguagens que são abordados, apresentando recorrentemente a seção *Palavra do artista*, quando estes apresentam relatos sobre suas poéticas; *Ampliando* é uma divisão destinada à definições, formando uma espécie de glossário de conceitos-chave trabalhados nos livros; *Linguagem da arte* aborda os procedimentos artísticos, tratando dos códigos e procedimentos do campo; *Misturando tudo* é uma seção que promove a relação entre as linguagens, tratando de interdisciplinaridade; *Expedição cultural* menciona espaços de promoção da arte, instigando alunos e professores a explorarem saídas de campo utilizando diários de artista; e por fim, uma *Linha do tempo* é apresentada recorrentemente nos livros, propondo uma estrutura temporal dos conteúdos abordados em cada volume.

A formatação dos livros foi explicitada para deixar claro que esta série não segue uma divisão cronológica das produções e manifestações artísticas, assim como não delimita o espaço de desenvolvimento dos conteúdos em cada uma das quatro linguagens do campo da arte. Na análise dos quatro volumes de livros verificou-se também que a arte contemporânea não se restringe a uma das seções, sendo apresentada periodicamente em distintas colunas presentes nos livros. No que se refere a quantidade de artistas contemporâneos referidos nos quatro volumes, temos 17 artistas para o sexto ano, 18 para o sétimo, 30 para o oitavo e 26 para o nono ano. Já o resultado para os trabalhos e obras contemporâneas se mostra maior, visto a adoção de mais de um trabalho de determinados artistas e até mesmo a citação do mesmo trabalho em diferentes momentos dos livros, com a investigação aos detalhes e a transição entre assuntos. Assim, a pesquisa nos retorna que a arte contemporânea é abordada de forma direta e indiretamente: 30 vezes no livro do sexto ano, 36 vezes no sétimo ano, 67 no oitavo ano e 52 vezes no nono ano.

Para além do levantamento numérico dos artistas e obras contemplados nos livros, a pesquisa buscou separar-se em categorias que possibilitariam uma leitura qualitativa da forma como a arte contemporânea se apresenta. Algumas formas de uso desta produção artística foram observadas, dentre elas: utilização de obras de arte contemporânea com o objetivo de ilustrar temas ou assuntos; apresentação e aprofundamento de discussão sobre conceitos de determinada linguagem artística ou produção de um artista em específico; aumento do repertório de trabalhos que envolvam os temas abordados; interlocução entre artes visuais e as outras três linguagens do componente curricular arte; e, por fim, como disparador de questões do campo da arte em geral.

Dentre as cinco categorias listadas, a que menos importava como resultado da investigação era a primeira, tratando da arte contemporânea apenas como ilustração de outra discussão que estava sendo abordada no capítulo ou seção. Ainda que se compreenda a importância da recorrência de imagens da arte contemporânea sendo apropriada no livro como possibilidade de ampliação de um repertório em relação a esta produção, a apresentação vazia, sem associação com conhecimentos específicos da área não acrescenta para o professor um domínio desta como conteúdo. A categoria pôde ser identificada na página 122 do livro do sexto ano, na qual um detalhe da obra *Abajur*, do artista Cildo Meireles é apresentada como ilustração para um poema produzido pelos autores para o livro (imagem 1). Observou-se que no mesmo livro a obra é posteriormente abordada, contudo nesta página ela serve apenas a fim de ilustração.



Imagem 1: Livro “Por toda parte 6º ano”, 2015a, p. 122-3

A segunda categoria de análise dos livros trata da apresentação e do aprofundamento de discussão sobre conceitos de determinada linguagem artística ou produção de um artista em específico. O exemplo selecionado para demonstrar esta categoria é da artista brasileira

Rosana Paulino. Seu trabalho é abordado no capítulo 1 *Sementes*, da unidade 3, *Povos arteiros*, nas seções *Vem!*, *Temas* e *Mais de perto*, no livro do sexto ano. Neste volume foram utilizadas três obras da artista referenciadas em cinco páginas, tanto por textos quanto por imagens, estas num total de quatro, sendo a última um detalhamento de outra. Ainda, há uma sexta página com foto e entrevista da artista. Atrelado ao fato, que o capítulo tem por objetivo discorrer sobre a cultura afrobrasileira presente nas linguagens artísticas, pode-se identificar o intuito de ampliação de repertório no que refere a produção de Rosana Paulino.

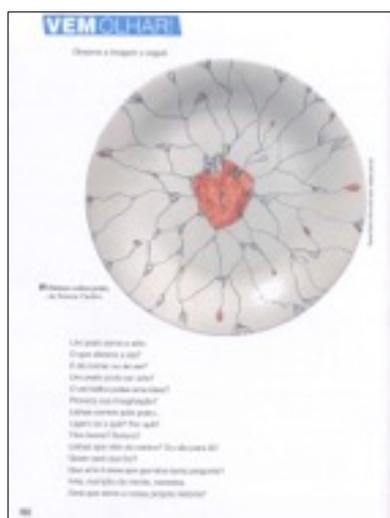


Imagem 2: Livro “Por toda parte 6º ano”, 2015a, p.

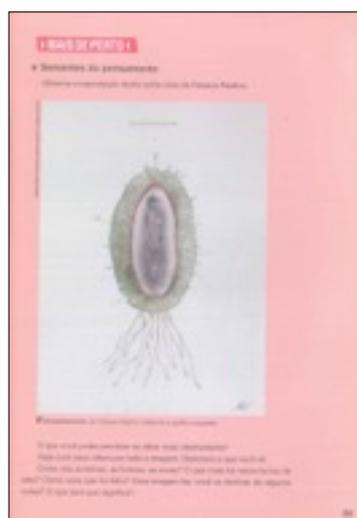


Imagem 3: Livro “Por toda parte 6º ano”, 2015a, p. 183

A primeira obra apresentada é uma pintura sobre prato (imagem 2), que ocupa um espaço considerável da página 168, permitindo observar os detalhes que esta dispõe. Abaixo da imagem há um pequeno texto com várias perguntas, dentre elas “Um prato pode ser arte?” UTUARI FERRARI et. al. (2015a, p. 168), funcionando como um disparador para questões da arte contemporânea, como ampliação dos materiais e suportes.



Imagem 4: Livro “Por toda parte 6º ano”, 2015a, p. 184-5

Pensando especificamente nos textos que são apresentados sobre a obra de Rosana Paulino, tomamos a seção *Mais de perto*, nas páginas 183 e 184. A primeira parte levanta questões com intuito de aproximação dos estudantes com a obra, buscando uma mediação com a fruição destes leitores. Em seguida, o texto comenta sobre os elementos visuais e prossegue para os aspectos conceituais, questionando sobre as linguagens artísticas presentes no trabalho e culminando em seu processo de construção e execução (imagens 3 e 4). Para finalizar este fragmento do livro dedicado à Rosana Paulino - evidenciando a questão do aprofundamento a que se refere esta categoria -, o livro reserva a página 185 para uma fala da artista. No texto ela compartilha sobre seu processo de criação, poética pessoal e o uso de distintas linguagens em sua produção. Há uma foto de Paulino e com a sua escrita o texto permite uma aproximação do leitor com o processo de criação da artista, uma característica presente nos trabalhos de arte contemporânea.

A terceira categoria analisada nos resultados de leitura dos livros diz respeito ao aumento do repertório de trabalhos que envolvam os temas abordados, que neste caso foi identificada no livro do oitavo ano, com uma diversidade de artistas que contemplam questões da luz em suas obras. *Máximo silêncio em Paris* (2007), de Giancarlo Neri; *Nuvem* (2012), de Caitilind R. C. Brown e Wayne Garrett; (imagem 5) *Cheia de brilho da vida* (2014), de Yayoi Kusama e *O projeto tempo*, de Olafur Eliasson (imagem 6) são alguns exemplos apresentados em sequência para discorrer sobre espaços luminosos e a participação dos públicos.

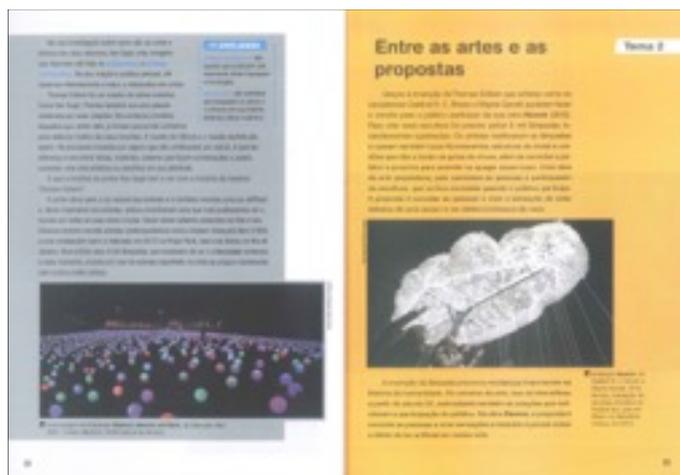


Imagem 5: Livro “Por toda parte 8º ano”, 2015c, p. 22-3



Imagem 6: Livro “Por toda parte 8º ano”, 2015c, p. 24-5

A quarta categoria identificada na análise dos livros diz respeito à interlocução entre artes visuais e as outras três linguagens do componente curricular arte o que foi bastante identificado nos diferentes livros. Recorrentemente se percebe que a produção dos artistas

contemporâneos produz a transição com as demais linguagens do ensino da arte, sobretudo pelo caráter interdisciplinar que algumas obras possuem. Foi o que se identificou no capítulo 1 do livro do sétimo ano, *De canto a canto*, da unidade 2 *Arte, som e palavra*, onde podemos visualizar a intersecção com as demais linguagens extraída da arte contemporânea com o uso da obra *Sistema Uniplanetário – In Memoriam Galileu Galilei*, do artista brasileiro Alex Flemming. Trata-se de uma instalação que utiliza “50 globos terrestres, desses que encontramos na escola, e toca-discos. Os globos ficam girando nos toca-discos antigos, como se fossem vinis” UTUARI FERRARI et. al. (2015b, p. 116). Observamos o uso deste trabalho em um capítulo voltado para a linguagem da música, fazendo a interlocução entre as linguagens artísticas através dos elementos visuais e conceituais constituintes da obra.

A obra é trabalhada com duas imagens e texto que se estende por duas páginas (imagem 7): na página 116 a fotografia contempla uma vista superior exibindo toda a composição da obra, enquanto na 117 uma vista frontal detalha os elementos e evidencia o movimento dos globos. O texto é iniciado com uma pergunta e seu desenvolvimento progride em abordar a obra, o físico Galileu Galilei e as mídias musicais, utilizando de perguntas e dados históricos para fazer o entrelaçamento entre os assuntos. Nota-se portanto, um diálogo entre as linguagens da música e artes visuais para explorar fatos históricos. Diferente da primeira categoria analisada, o livro trata este trabalho com certa autonomia, não estando presente apenas como ilustração direta.



Imagem 7: Livro “Por toda parte 7º ano”, 2015b, p. 116-7

A quinta categoria trata da arte contemporânea como conteúdo disparador de questões do campo da arte em geral. Neste sentido, apresentamos a página 15 do livro do nono ano, que discute a questão “Qual é a época da criação?”, que introduz o livro abordando a arte em todos os tempos (imagem 8). O texto, por se situar no início do volume, apresenta para os

alunos a possibilidade de pensar a arte como expressividade e comunicação, propondo questões como “A arte é expressa em linguagens. E que língua é essa que a arte ‘fala’?” UTUARI FERRARI et. al. (2015d, p. 15), ou convocando os estudantes para o diálogo, propondo questões que emanem o debate dentro da turma, como é o caso da seguinte provocação: “Objetos de consumo ficam obsoletos. A arte, não. Você concorda com essa afirmação?” Ibidem (2015d, p. 16).



Imagem 8: Livro “Por toda parte 9º ano”, 2015d, p. 14-5

O fragmento do texto apresentado reflete o nível de discussão que os autores pretendem propor para o último ano do Ensino Fundamental, pressupondo um amadurecimento em torno de problemáticas que envolvem o campo da arte. Desta forma, o texto utiliza-se de imagens da instalação *Lápides* (2012), novamente de Alex Flemming, sem precisamente discutir sobre o trabalho do artista. Na presente seção, a obra configura-se como uma ilustração, porém diferente da situação observada na primeira categoria de análise estabelecida, visto que neste caso o texto e a discussão versam a respeito da área das artes visuais. O texto “Qual é a época da criação?” trata de tópicos pertinentes à arte contemporânea, tais como os sistemas de consumo, a apropriação de objetos e a relação com as tecnologias, todavia, o foco central do texto é de esmiuçar questões do campo da arte como um todo, discorrendo sobre o potencial comunicativo da produção artística.

Outras categorias de análise poderiam ser elencadas a partir da leitura dos quatro volumes analisados na pesquisa de iniciação científica, bem como outros exemplos e fragmentos poderiam ser utilizados para discorrer sobre cada uma delas. O que se inscreve neste texto é uma revisão preliminar de dados que ainda serão aprofundados em outras publicações. A demarcação da existência de conteúdos de arte contemporânea nos livros pesquisados vai de

encontro com o problema de partida desta investigação: existe espaço para este conteúdo nas escolas? Esta primeira averiguação comprova a existência de material para que arte/educadores contemplem este período da história da arte em suas aulas, resta questionar agora: por que a arte contemporânea continua não entrando nas escolas?

### **Considerações parciais**

Na medida em que esta pesquisa de iniciação científica encontra-se em processo, tendo previsão de encerramento em julho de 2019, assume-se que as considerações elaboradas até então são parciais, conferindo um caráter processual para os dados até então analisados. Esta primeira apresentação dos dados obtidos permitiu perceber que há muito assunto pertinente à arte contemporânea a ser tratado nos anos finais do Ensino Fundamental, tanto no que tange a linguagem artística das artes visuais, quanto na interlocução com outros campos e tópicos.

O conjunto de livros não só utiliza as obras com diversos propósitos - seja como ilustração para outros tópicos desenvolvidos, como aprofundamento do próprio campo da arte, como assunto fim, como interlocução entre temas e áreas ou como meio de discussão da arte de maneira geral - como apresenta uma ampla variedade de artistas e linguagens contemplados como conteúdos. A divisão por temas e seções em cada um dos volumes possibilitou a apresentação de artistas brasileiros e das mais variadas nacionalidades, além de ter representação de diferentes linguagens das artes visuais, tais como: instalação, desenho, fotografia, vídeo, relação com a palavra, performance, escultura, objeto de arte, grafite, pintura, intervenção urbana e litogravura, para citar algumas.

Ao final da análise em torno dos conteúdos presentes nos quatro volumes da série “Por toda parte”, considera-se que estes se constituem como uma ferramenta de possível uso para que os arte/educadores se alicercem nas discussões iniciadas nos livros. Ainda que se compreenda a importância da ampliação das pesquisas por parte dos alunos e professores, reflexiona-se que o conteúdo presente nos livros possivelmente se apresenta como um ponto de partida para o acesso à arte contemporânea. Discussões em torno de temáticas, linguagens, obras e artistas podem se iniciar a partir do material disposto, que apresenta interlocução com outros períodos da história da arte.

Assume-se que a resignificação das práticas dos professores em torno da arte contemporânea perpassa uma discussão também em torno das metodologias que são utilizadas, buscando

ressonâncias das relações produzidas com o objeto do qual se trata. Para isso, em primeira instância, propõe-se que os professores incorporem em seus planejamentos e práticas conteúdos que estejam dentro do escopo e das discussões da arte contemporânea, para, em paralelo, reconstruírem suas práticas em torno de uma metodologia que esteja em diálogo com o que a produção artística deste período propõe.

### **Referências:**

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte**: A arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Odysseys Editora, 2006.

ROCHA, Julia. **Ensino (contemporâneo) da arte contemporânea** - Semelhanças e enfrentamentos entre metodologia e conteúdo. 27º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas: Práticas e contratações; 24 a 28 de setembro de 2018; São Paulo. São Paulo: ANPAP, 2018.

UTUARI FERRARI, Solange dos Santos; DIMARCH, Bruno Fischer; KATER, Carlos Elias; FERRARI, Pascoal Fernando. **Por toda parte 6º ano**. São Paulo: FTD, 2015a.

\_\_\_\_\_. **Por toda parte 7º ano**. São Paulo: FTD, 2015b.

\_\_\_\_\_. **Por toda parte 8º ano**. São Paulo: FTD, 2015c.

\_\_\_\_\_. **Por toda parte 9º ano**. São Paulo: FTD, 2015d.

### **Notas:**

Julia Rocha é Doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto, Mestre em Artes e Educação pela Universidade Estadual Paulista e Licenciada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. É professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Realiza pesquisa sobre o ensino da arte na contemporaneidade, mediação cultural, avaliação de propostas educativas no campo das artes visuais e formação de professores.

Heitor Andrade Amorim é Graduando em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo. No ano de 2016 foi bolsista no Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo, em 2017 esteve como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, e desde 2018 atua no Programa de Residência Pedagógica e no Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica.